ISSN: 2358-8829

ENTRE LUZES E SILENCIAMENTOS: O QUE DIZEM AS IMAGENS DAS CRIANÇAS?

Francielly Falcão da Silva [1]
Daniela Nery Bracchi [2]

INTRODUÇÃO

Entre luzes e traços de giz,
A infância desenha o que quer ser:
Um mundo onde a cor é raiz,
No ateliê de mil vozes e gestos,
A criança liberta o olhar,
Desfaz os silêncios e os restos,
Ensina o futuro a cantar.

Pensar a infância, no contexto brasileiro contemporâneo, passa obrigatoriamente por reconhecer que ela é atravessada por desigualdades históricas que se inscrevem e se expressam nos corpos, nas narrativas e nas imagens produzidas pelas crianças. A Educação Infantil, enquanto primeira etapa da Educação Básica, representa um ambiente privilegiado e, ao mesmo tempo, atravessado por intensas disputas simbólicas e éticas. Em uma sociedade cuja formação histórica foi delineada pelo colonialismo, os modos de ver, ser visto e figurar o mundo no cotidiano escolar frequentemente reproduzem modelos estéticos eurocêntricos que naturalizam o racismo por meio de invisibilidades, estereótipos e silenciamentos das identidades negras.

Diante da centralidade que a cultura visual adquiriu no cotidiano da infância contemporânea, compreende-se que as imagens não atuam como meros reflexos da realidade, mas como mediadoras ativas que fabricam modos de ver, constroem subjetividades e fixam julgamentos de valor sobre os sujeitos. Nesse horizonte, emerge a urgência de tensionar os regimes de visualidade vigentes na escola, reconhecendo a infância como um território em que a produção estética se vincula intrinsecamente às

[1] Pós-Graduanda em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA, francielly.falcao@ufpe.br;
[2] Professora Orientadora – Doutora em Letras – USP, Professora Adjunta UFPE/CAA, daniela.bracchi@ufpe.br

estruturas de poder e às lutas por pertencimento racial. A partir dessa perspectiva, o presente trabalho investiga as relações entre infância, cultura visual e relações étnico-raciais na Educação Infantil.

Neste estudo vamos analisar como as imagens produzidas por crianças em ateliês criativos inspirados na abordagem Reggio Emilia podem atuar como instrumentos de resistência e reafirmação de identidades negras. Para alcançar essa meta vamos discutir os padrões estéticos hegemônicos, conceituar as crianças como "Outros Sujeitos" e produtoras de cultura no exercício de suas "cem linguagens".

Para responder a essas inquietações, este artigo mobiliza um referencial teórico crítico constituído por autores de referência no campo das ciências humanas, da sociologia da educação e da cultura visual: Arroyo (2012), Bhabha (2013), Bourdieu (1997), Lipovetsky (2005), Hernández (2007) e Malaguzzi (1996), estabelecendo um diálogo produtivo com autoras contemporâneas do campo da infância e da visualidade, como Hoffmann e Cassino (2020). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica pautada no levantamento, análise e articulação crítica de obras sobre cultura visual, infância, educação antirracista e colonialidade, cujos caminhos, discussões analíticas e considerações sintéticas encontram-se estruturados ao longo deste trabalho.

METODOLOGIA

A infância desfaz o que cega a nós,
E faz da cor o direito de ser.

Inspirado pelo movimento poético e epistemológico que reconhece na expressão criadora o pulso da vida e da pesquisa, este estudo caracteriza-se estritamente como uma pesquisa bibliográfica. O percurso metodológico estruturou-se a partir do levantamento, análise e articulação crítica de obras centrais que investigam as intersecções entre cultura visual, infância, educação antirracista e colonialidade.

Metodologicamente, a leitura e a interpretação conceitual adotaram como eixo epistemológico o reconhecimento das crianças como "Outros Sujeitos", sujeitos de direito, portadores de memórias, alteridade e formas próprias de narrar o mundo. A partir desse enquadramento, examinou-se como a proposta dos ateliês criativos inspirados na

abordagem Reggio Emilia opera metodologicamente como espaço de escuta qualificada e criação sensível.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nas frestas do tempo e do olhar,
Onde o saber ganha contorno e cor,
A teoria desperta o pensar,
E faz da práxis um ato de amor.

O debate contemporâneo sobre a infância na Educação Infantil exige a superação de visões homogeneizantes e deshistorizadas, convocando a pesquisa a olhar para os modos como as estruturas sociais, raciais e culturais moldam a experiência infantil. No contexto brasileiro, marcado por assimetrias históricas, as relações étnico-raciais constituem um eixo central de análise, uma vez que os corpos, as narrativas e as produções das crianças não estão dissociados das relações de poder e dos marcadores coloniais. A articulação entre infância, cultura visual e educação antirracista fundamenta-se, portanto, na premissa de que a escola deve atuar como espaço de ruptura com os silenciamentos estruturais.

Nessa direção, os estudos da cultura visual fornecem a base para compreender que as imagens não cumprem um papel meramente ilustrativo, mas operam ativamente na fabricação de modos de ver, sentir e conceber a realidade. Conforme Hoffmann e Cassino (2020, p. 3), "ver precede as palavras. A criança olha e reconhece, antes mesmo de poder falar". Assim, as visualidades escolares e midiáticas frequentemente naturalizam padrões estéticos eurocêntricos, impondo modelos que invisibilizam a pluralidade racial. Hernández (2007, p. 43) ressalta essa dimensão ao afirmar que:

> [...] a cultura visual contribui para que os indivíduos fixem as representações sobre si mesmos e sobre o mundo e sobre seus modos de pensar-se. A importância primordial da cultura visual é mediar o processo e como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 43).

Complementando essa leitura, Lipovetsky (2005) adverte sobre os riscos da hipermodernidade e de uma estetização generalizada da vida desprovida de historicidade, a qual tende a infantilizar e universalizar a figura da criança sob um prisma abstrato, desconsiderando as marcas concretas de classe, raça e território que atravessam as vivências reais.

Para contrapor essa abstração e resgatar a densidade social da infância, trazemos a contribuição de Miguel Arroyo (2012) acerca dos "Outros Sujeitos". Arroyo (2012, p. 41) evidencia que a escola historicamente silenciou os saberes e as presenças daqueles que não se enquadravam no padrão idealizado da modernidade, ressaltando que é necessário deslocar a pedagogia para acolher experiências "gestadas nas lutas por direitos, por memórias e por pertencimentos negados" (ARROYO, 2012, p. 41). Reconhecer as crianças periféricas, negras, como Outros Sujeitos implica validá-las como portadoras de experiências, memórias e formas legítimas de narrar o mundo.

Essa autonomia expressiva encontra solo fértil na abordagem de Reggio Emilia, sistematizada por Loris Malaguzzi (1996), que concebe a criança como um ser dotado de múltiplos recursos comunicativos e criativos. Em sua célebre formulação poético-pedagógica, Malaguzzi (1996, p. 25) denuncia a poda promovida pela escola tradicional ao afirmar que "a criança tem cem linguagens, mas roubaram-lhe noventa e nove". O ateliê criativo, inspirado nessa perspectiva, transfigura-se em um espaço de escuta sensível e práxis pedagógica, onde a criação visual rompe com a rigidez escolar e devolve à infância suas múltiplas possibilidades de enunciação.

A compreensão de como as crianças internalizam e reproduzem hierarquias raciais e estéticas encontra rigorosa sustentação na sociologia de Pierre Bourdieu (1997). O conceito de *habitus* auxilia a decodificar como as disposições duráveis e os esquemas de percepção são incorporados pelos sujeitos ao longo da socialização. Bourdieu (1997, p. 88) conceitua essa incorporação ao pontuar que "o corpo é memória social tornada carne". No espaço educativo, a ausência de representações positivas da população negra gera uma forma sutil de violência simbólica, na qual os sujeitos dominados internalizam a inferiorização estética como natural. A intervenção pedagógica por meio do ateliê atua, portanto, como um dispositivo de desestabilização desse *habitus* excludente.

Por fim, para pensar a insurgência e a ressignificação dessas identidades no espaço escolar, recorre-se às formulações de Homi Bhabha (2013) sobre a decolonialidade e as zonas de contato cultural. Bhabha (2013, p. 29) analisa como o discurso colonial busca fixar o Outro sob uma diferença rígida e estigmatizada, mas demonstra que é no "entre-lugar" — o espaço de articulação, atrito e tradução cultural — que emergem significações estratégicas e atos de subversão. As produções visuais elaboradas pelas crianças nos ateliês criativos habitam esse entre-lugar: não são meras reproduções da cultura hegemônica nem rupturas absolutas, mas enunciações insurgentes que tensionam os padrões estéticos vigentes e reafirmam identidades negras. Desse modo, o ateliê consolida-se como espaço de resistência simbólica e pilar indispensável para uma educação antirracista na primeira infância.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A imagem é força, presença e poder,
A criança recria,
Afirmando a beleza do seu próprio ser.

A articulação teórica crítica entre os autores mobilizados permite sistematizar os principais achados conceituais sobre o papel da cultura visual e dos ateliês criativos na Educação Infantil. A análise evidencia que a produção imagética das crianças não pode ser tratada como um mero exercício motor ou artístico desvinculado das estruturas de poder que configuram corpos, territórios e modos de ver. A partir dessa síntese bibliográfica, foi possível delinear e aprofundar dois grandes eixos analíticos que traduzem os modos pelos quais as imagens produzidas nos ateliês atuam como instrumentos de transformação estético-política.

O primeiro eixo analítico revela que a introdução intencional de ateliês criativos atua como um potente mecanismo de desestabilização da violência simbólica e do *habitus* estético eurocêntrico. Fundamentando-se nas contribuições de Bourdieu (1997), Lipovetsky (2005) e Hernández (2007), a pesquisa constata que a cultura visual dominante veiculada no cotidiano escolar impõe sutilmente parâmetros de beleza e legitimidade pautados no embranquecimento. No entanto, quando o espaço pedagógico

disponibiliza pigmentos com tonalidades diversas de pele, materiais com diferentes texturas e mediações sensíveis, possibilita-se a superação do esvaziamento histórico da carnação negra. Dessa forma, as crianças passam a problematizar os padrões hegemônicos, desconstruindo a invisibilidade e reconstruindo suas próprias representações estéticas de maneira altiva e diversificada.

O segundo eixo analítico evidencia como o ateliê se consolida como um espaço de resistência simbólica e afirmação de pertencimento racial positivo. Articulando as reflexões de Arroyo (2012), Bhabha (2013) e Malaguzzi (1996), os achados demonstram que, ao serem reconhecidas como "Outros Sujeitos" e encorajadas a exercitar suas "cem linguagens", as crianças ocupam o ateliê como um autêntico "entre-lugar" de negociação cultural. As criações visuais infantis não reproduzem passivamente os estereótipos coloniais; pelo contrário, emergem como enunciações insurgentes que reorganizam signos e atribuem novos sentidos positivos à estética e ao corpo negro. A imagem produzida deixa de ser mero reflexo para transformar-se em enunciação autônoma e agente de emancipação.

Conforme ressaltam Hoffmann e Cassino (2020), mediar a cultura visual na escola implica possibilitar que as crianças não apenas consumam visualidades de forma passiva, mas produzam modos de ver amplos, críticos e criativos. O ateliê transforma-se, assim, em um dispositivo pedagógico e político indispensável para desmantelar os silenciamentos históricos impostos às infâncias negras, consolidando as bases para a efetivação de uma prática antirracista desde a primeira infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada criança é um verso vivo
Que a força do saber alaga

Ao tecer as considerações finais deste percurso investigativo, constata-se a profunda imbricação entre infância, cultura visual e relações étnico-raciais no território sensível da Educação Infantil. O diálogo sistemático entre Arroyo, Bhabha, Bourdieu, Lipovetsky, Hernández e Malaguzzi sustentou a compreensão de que a infância brasileira

não pode ser pensada de forma abstrata ou desvinculada das estruturas coloniais que moldam corpos, memórias e subjetividades. A visualidade escolar, portanto, não é neutra; é campo de disputa ético, estético e político.

A reflexão desenvolvida evidencia que os ateliês criativos inspirados na abordagem Reggio Emilia ultrapassam a dimensão de meras oficinas de arte para se consolidarem como autênticos dispositivos de escuta poética e práxis decolonial. Ao acolher a criança como "Outro Sujeito" e assegurar o pleno florescimento de suas "cem linguagens", o ateliê abre frestas no *habitus* racializado, permitindo que as produções visuais infantis tencionem a violência simbólica do padrão eurocêntrico e façam emergir narrativas visuais insurgentes compromissadas com a altivez da identidade negra.

Conclui-se que assegurar a centralidade e a escuta qualificada dessas produções imagéticas é pilar inegociável para a efetivação de uma educação verdadeiramente antirracista desde a primeira infância. Descolonizar o olhar na escola exige dos educadores e pesquisadores um compromisso ético e amoroso com a alteridade: a responsabilidade de garantir que o espaço educacional seja um território onde todas as cores tenham direito à raiz e ao voo, e onde nenhum silenciamento consiga apagar a poesia e a força do existir infantil.

REFERENCIAS

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, seleção e organização de Sergio Miceli. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: proposições para uma nova narrativa educacional. Tradução de Luciana da Silva Portero. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 41-58.

HOFFMANN, Adriana; CASSINO, Helenice. Infância, cultura visual e educação. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 1-19, jul. 2020. DOI: 10.12957/childphilo.2020.48432. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/childhood/article/view/48432. Acesso em: 10 nov. 2026.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução de Miguel Serras Pereira. Barueri: Manole, 2005.

MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.